
Juventudes, tecnologias digitais e novas linguagens: a necessidade da compreensão e o acolhimento da escuta¹

Cláudio Márcio MAGALHÃES²
Instituto Dânia de Paula, Belo Horizonte, Minas Gerais
Diego DE DEUS³
Universidade Federal de Minas Gerais Belo Horizonte, Minas Gerais

RESUMO

Os jovens não estão bem. Nunca a humanidade esteve em tanto sofrimento mental, e eles são a sua principal vítima. O artigo propõe tentar entender o que se passa a partir de três pressupostos causais: a individualização causada pelo consumismo, o uso da tecnologia no seu sentido inverso e a confusão entre referência e pertencimento. As observações foram colhidas a partir dos depoimentos de jovens em sala de aula quando instigados a falar de seus sentimentos com relação ao uso das redes sociais digitais. Como conclusão, algumas propostas de como ajudá-los a partir da compreensão da contemporaneidade, do uso da tecnologia e, principalmente a escuta dos próprios jovens em busca de uma qualidade mental apropriada.

PALAVRAS-CHAVE

Juventudes; saúde mental; sofrimento mental; tecnologia; redes digitais.

INTRODUÇÃO

A falta de planejamento em uma aula trouxe a um dos pesquisadores deste artigo uma descoberta surpreendente – e triste – acerca dos jovens: eles passam por um sofrimento mental até então inédito. Há todo um preconceito em torno da juventude, especialmente, a contemporânea, às vezes acusada de alienada, leniente, até preguiçosa e sem propósito. Juventudes não são muito diferentes na essência, mas é fato que o seu contexto interfere em comportamentos.

No Século XXI há algo estranho: ao que tudo indica, pela primeira vez na sua história, a humanidade se vê envolta de um fenômeno preocupante, em que seus indivíduos se matam mais a si próprios do que ao semelhante (Dahlberg; Krug, 2007)⁴. E os jovens – que deveriam estar no ápice do desejo pela vida – são sua maioria. O que está

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação do 24º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Educação, coordenador do Instituto Dânia de Paula. claudiomagalhaes@uol.com.br

³ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação Social da UFMG. diegodeus.bot@gmail.com

⁴ No fechamento deste artigo, foi divulgado o 18º Anuário Brasileiro de Segurança Pública referente ao ano de 2023 com a revelação inédita que policiais morreram mais por suicídio do que em confrontos naquele ano. Disponível em: [Anuário Brasileiro de Segurança Pública - Fórum Brasileiro de Segurança Pública \(forumseguranca.org.br\)](http://Anuário Brasileiro de Segurança Pública - Fórum Brasileiro de Segurança Pública (forumseguranca.org.br))

acontecendo? O que as tecnologias de comunicação têm a ver com isso? E, principalmente, o que podemos fazer? Uma pesquisa realizada pelo jornal Folha de São Paulo,⁵ a partir de levantamento foi feito por meio da Rede de Atenção Psicossocial (RAPS) do Sistema Único de Saúde (SUS), entre 2013 e 2023, mostrou que, pela primeira vez, crianças e adolescente superam os adultos em casos de ansiedade.

Conforme o estudo, a taxa de pacientes de 10 a 14 anos atendidos por ansiedade é de 125,8 a cada 100 mil, e a de adolescentes é de 157 a cada 100 mil. Em contrapartida, entre as pessoas com mais de 20 anos, a taxa fica na casa dos 112,5 a cada 100 mil, especificamente com relação aos dados de 2023. Os jovens assumiram a primeira colocação a partir de 2022. O levantamento ainda observou uma queda no chamado senso de pertencimento escolar, com base em dados do Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (PISA), de 2022. Segundo os dados, no início do século, 91,4% das crianças brasileiras se dizia com certa facilidade em fazer amigos na escola. Em 2012, foi notada uma queda nesse percentual, chegando a 86,3% e, em 2022, os números chegaram a 69,6%.

Numa das conclusões, os dados mostram a piora dos índices de saúde mental a partir da segunda década dos anos 2000. Mesmo período em que o acesso à informação foi facilitado com ascensão da internet, redes sociais e jogos on-line. Paralelamente, a sensação de solidão cresceu. Em 2000, 8,5% dos alunos afirmava se sentir sozinhos. Em 2022, o percentual subiu exponencialmente para 26,6%, paradoxalmente, em uma era permeada pelo digital e infinitas possibilidades de conexões on-line

Conforme Fernández-Planells, Masanet e Figueras-Mas (2016), as novas tecnologias oferecem tanto riscos quanto potencialidades na construção da identidade dos adolescentes em sua socialização. Segundo dados da Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS)⁶, as condições de saúde mental são responsáveis por 16% da carga global de doenças e lesões em pessoas com idades entre 10 e 19 anos. Além disso, metade de todas as condições de saúde mental começam aos 14 anos de idade, porém, a maioria dos casos não é detectada nem tratada. Diante deste cenário, este trabalho tem o objetivo de descrever os principais dilemas psicossociais enfrentados por jovens no ambiente universitário e no cotidiano, ambos atravessados pelas especificidades da contemporaneidade.

⁵ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folhateen/2024/05/registros-de-ansiedade-entre-criancas-e-jovens-superam-os-de-adultos-pela-1a-vez.shtml>

⁶ Saúde Mental dos Adolescentes. OPAS/OMS. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os resultados foram obtidos por meio de uma série de encontros em sala de aula com estudantes de graduação nos seus primeiros períodos do curso de Comunicação Social (Jornalismo, Publicidade e Propaganda e Relações Públicas). Ao longo dos últimos quatro anos, cerca de uma dezena de turmas com média de 20 alunos foram fontes de dados, sempre a partir de uma aula específica sobre a saúde mental dos jovens frente às redes sociais. Tais atividades começaram a partir de uma eventualidade, de uma aula não programada neste sentido, quando a original era fabulosa, daquelas com dezenas de slides cuidadosamente desenhados. Tão cuidadosamente preparados que o professor ficou refém.

Assim, quando em sala, e percebendo-se que não havia o equipamento necessário para a sua exibição, acometeu-se de um branco acadêmico, não se sabia nem por onde começar sem as muletas audiovisuais. Mas tinha o improviso, conseguido ao longo de anos de imprevistos semelhantes. Uma das ferramentas favoritas para sair desses apertos é transferir o protagonismo aos estudantes. Aprende-se muito com eles quando se dá condições para que se manifestem.

Era uma dúvida sincera, que realmente um dia era preciso investigar com mais cuidado, então foi uma oportunidade perante o imbróglio do equipamento. Como a aula era sobre algo como filosofia da tecnologia, escreveu-se no quadro, em letras garrafais, o que seria o tema do dia, em que o professor esperava escutar mais do que falar:

“O que você está sentindo?”

Claro, o recorte era sobre o uso das redes sociais e as novas tecnologias de informação e comunicação. O que veio a seguir foi uma avalanche de depoimentos que demonstravam o enorme sofrimento mental que estavam passando esses jovens. O estarrecimento com as lágrimas, a sinceridade, a necessidade de expor até mesmo suas questões íntimas, fez daquela experiência catártica uma aula permanente, em qualquer disciplina que ministrasse dali em diante. Muito por poder oferecer um espaço de escuta, muito para poder oferecer palavras de conforto, Conhecimento e percepção para entender o momento que, em grande parte, os jovens não tinham responsabilidade, mas estavam sendo

conduzidos dentro de uma sociedade consumista e excludente. Muito mais ainda para aprender com eles sobre eles mesmos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Da sala para a alma

Han (2010) descreve os principais aspectos da sociedade contemporânea ao caracterizá-la como Sociedade do Cansaço. O autor foca, especialmente, ao excesso de estímulos positivos existentes na contemporaneidade que, ao contrário do que a expressão “positiva” detém, não oferece muitas coisas de bom. Em suma, Han (2010) demonstra de que maneira metas, o mercado de trabalho contemporâneo, a transformação de relações em produtos, comparações e a sede insaciável de “sempre conseguir mais” tornam o indivíduo contemporâneo escravo de si mesmo. Isso leva-o à ansiedade, angústia (por não alcançar o que foi inicialmente projeto e, na maioria das vezes, fantasiado) e, finalmente, ao cansaço.

Sempre haverá um estímulo para produzir mais, de modo a afastar a negatividade, a contemplação, em última instância, ao próprio descanso. Mesma lógica da sociedade do consumo, em que o tempo é transformado em dinheiro e, portanto, todo o tempo precisa ser voltado para a produção de algo. Questões sobre estudos, mercado de trabalho, plano de carreira entre outras “necessidades” estimuladas e cobradas pela sociedade do consumo, podem afetar ainda mais esses jovens.

Pondé (2020) afirma que os jovens são um doente terminal de expectativas. Eles devem entender de coisas que ainda não possuem repertório para tal, como política, relacionamentos afetivos, decisões morais e éticas, um conjunto de temas que apenas o repertório de experiências de vida capacita alguém. No âmbito das redes sociais digitais, Han (2017) discute tal aspecto em uma obra intitulada Sociedade da Transparência, na qual identifica um excesso da necessidade de exposição. Os mundos digital e real se fundem e, o primeiro, geralmente, tende a ter mais relevância para a construção dos laços afetivos e, não obstante, à própria formação da personalidade alheia.

No âmbito das redes sociais digitais, Han (2017) discute tal aspecto em uma obra intitulada Sociedade da Transparência, na qual identifica um excesso da necessidade de exposição. Os mundos digital e real se fundem e, o primeiro, geralmente, tende a ter mais relevância para a construção dos laços afetivos e, não obstante, à própria formação da personalidade alheia.

Queremos ser quem tentamos nos apresentar nas redes sociais: perfeitos, infinitamente felizes; qualquer coisa diferente disso significa insuficiência, inferioridade em relação ao outro. Afinal, que interesse podemos ter em demonstrar nossas imperfeições aos nossos seguidores? “Seguidores”, por sinal, expressão que parece projetar às pessoas os status de alguém influente, que possui uma legião de adeptos ao seu estilo pessoal, de vida ou qualquer outro. Que traz à pessoa o sentimento de ser especial. Mas quando nos deparamos com a dura indiferença do mundo, notamos que as fantasias conjecturadas nas redes sociais, possuem valor prático algum no mundo real (Pondé, 2020). Este, por sinal, é mais um problema enfrentado pelos jovens: a comparação alheia, sob aspectos estéticos, escolares, profissionais, vidas afetiva e social, entre outros.

Boyd (2014) afirma que, raramente, os jovens são vistos como merecedores de qualquer agência e, ainda, são julgados com base no que escolhem fazer. As pessoas tendem a pensar que sabem tudo sobre a juventude, seja porque já foram jovens ou porque são pais de um. Como pesquisadores, fizemos dessas experiências um arcabouço de entendimentos do que se passa com esses jovens, para, então, retornar a eles.

Como pesquisadores, fizemos dessas experiências um arcabouço de entendimentos do que se passa com esses jovens, para, então, retornar a eles. Vejamos o que colhemos: na sociedade onde eles estão inseridos há uma overdose viciante de individualismo, tirando o sentido da existência gregária; usamos as novas tecnologias para nos apressarmos e nos afastarmos, quando deveria ser o contrário; e os jovens são estimulados a trocar *referência* por *pertencimento*. Há outros fatores, mas são estes o que acreditamos serem os mais graves para trazermos aqui. E para tentar ajudar os jovens, e a nós mesmos.

O individualismo mata

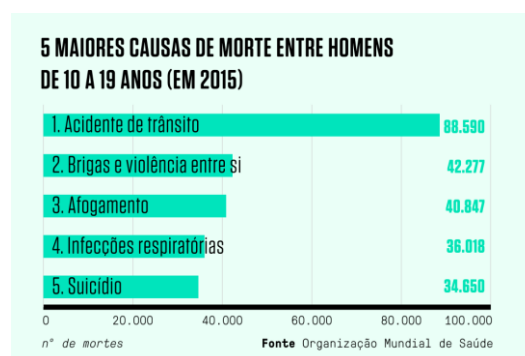
Já é um clichê: o mundo está individualista. Mas tal aspecto é, muitas vezes, jogado nas costas dos jovens, como se assim eles fossem, um bando de egoístas preocupados apenas com seus hormônios e seus interesses particulares. O que não se percebe é que a busca pelo individualismo tem sido uma opção da humanidade desde a Revolução Industrial, dado que o consumo de produtos e serviços são mais rentáveis quando são pessoais.

Todos já vivenciamos esta mudança *in loco*. Até pouco tempo atrás, era comum uma família ter que negociar entre si o sabor da sua pizza no restaurante, onde, no máximo, podia-se escolher meio a meio. O refrigerante deveria ser um só, mesmo que uns gostassem de Coca-Cola e outros de Guaraná. Pois bem, hoje essa mesma família pede um brotinho e uma latinha para cada, atendendo seus próprios gostos. Não é mais rentável para a pizzaria?

O maior problema dessa nossa transição é que ela não é natural. E tudo que não é natural, que é levado para fora da sua natureza, tem a tendência de não dar certo. Somos seres gregários, que vivem em bando, como os chimpanzés e os pinguins. Não somos uma espécie solitária, tipo tigres e ursos-polares. Em bando, a gente mata tigres e ursos-polares. Sozinho, viramos comida deles.

Portanto, estamos completamente desconfortáveis com esse individualismo, embora tudo em volta nos convide para tal: *faça você mesmo, conquiste seu lugar por conta própria, seja você mesmo, o importante é você, construa seu próprio caminho* são algumas frases de incentivo da sociedade consumista – e que gostamos e adotamos. Afinal, quem não quer se sentir dono de si mesmo, e com total controle sobre tudo? Além disso, ser gregário é custoso, tem que (se) entender (com) o outro, é preciso negociar, quando é muito melhor e prático fazer tudo sozinho. Os gráficos representados pelas Figuras 1 e 2 demonstram como o suicídio aparece entre as principais causas de morte no mundo.

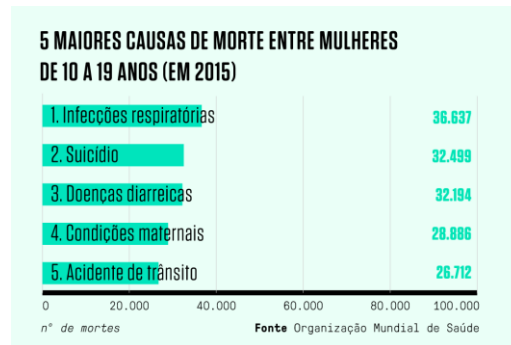
Figura 1 - Principais causas de morte no mundo



Fonte: Pessoa (2017) a partir da OMS⁷.

⁷ Carbonari, Pamela. Do que os adolescentes mais morrem no mundo: Mais de um 1,2 milhão de meninos e meninas morrem todos os anos – e grande parte das mortes poderiam ter sido evitadas, diz OMS. Superinteressante, 17 mai. 2017 – atualizado em 11 mar. 2024. Disponível em: <https://super.abril.com.br/sociedade/do-que-os-adolescentes-mais-morrem-no-mundo>

Figura 2 - Principais causas de morte no mundo



Fonte: Pessoa (2017) a partir da OMS (idem).

Como não existe almoço grátis, quando nos colocamos contra a natureza, ela nos retorna em força equivalente: o falecimento gradual do corpo (embora ela insista em nos dar sinais e chances), como se ela dissesse que, já que não me conformo em ser como sou, não há mais sentindo na existência.

O sofrimento mental por qual passamos nada mais é do que nossa briga infrutífera por tentarmos ser o que não somos. Até 2015, segundo a Organização Mundial da Saúde, “todos os anos, mais pessoas morrem como resultado de suicídio do que HIV, malária ou câncer de mama - ou guerras e homicídios”⁸. O suicídio é a segunda causa de mortes entre as jovens de 10 a 19 anos e a quinta entre os rapazes (gráficos 1 e 2). É um sinal dos tempos, já que, anualmente, uma média de 800 mil pessoas tiram a própria vida no mundo, a sua maioria jovens (Ribeiro; Guerra, 2020).

Faz sentido isso? Somos uma raça violenta, sabemos... e temos essa péssima característica de matarmos uns aos outros ao longo de nossa história, mas é a primeira vez que *nos* matamos mais, traço típico da Sociedade do Cansaço, onde, ao mesmo tempo, somos a presa e o predador (Han, 2010). E qual a principal motivação de um suicida? A falta de sentido da vida. Ora, se visto uma pele que não me pertence – sou um pinguim, não um urso polar – o que estou eu fazendo aqui, sozinho, neste iceberg?

E, claro, são os jovens as piores vítimas. Pois é nesta transição entre infância e maturidade que se forma os propósitos de vida e a construção da percepção do que é ser um ser humano (Ribeiro; Guerra, 2020).

⁸ OPAS: Uma em cada 100 mortes ocorre por suicídio, revelam estatísticas da OMS. 17 jun. 2021. Disponível em <https://www.paho.org/pt/noticias/17-6-2021-uma-em-cada-100-mortes-ocorre-por-suicidio-revelam-estatisticas-da-oms>

E não é só a nossa fuga da nossa essência gregária que briga contra a nossa natureza. A nossa principal característica enquanto espécie também está com sinal trocado.

A tecnologia no sentido errado

Se estamos aqui é porque somos a única espécie com tecnologia. Não somos os únicos que têm técnica, mas o João de Barro não se questiona como poderia transformar aquele seu ninho em um símbolo de poder. Da mesma maneira, os golfinhos têm sua própria linguagem, mas, até onde sabemos, ainda não foram capazes de criar seu Shakespeare. Somos os únicos que pensam – *logos*, o verbo, a razão, o motivo sob as coisas - sobre sua técnica, e foi essa habilidade que nos transformou em excepcionais (e não a inteligência, como acreditamos ser, e que, inclusive, pode estar nos levando à nossa própria extinção).

Mas estamos, uma vez mais, indo contra nossa natureza: a tecnologia foi sempre desenvolvida para que trabalhássemos menos, tivéssemos menos esforço, para, assim, haver mais tempo para desenvolvermos, pensássemos, abrissemos espaço para criatividade, essa incompatível com a urgência das tarefas automáticas, braçais, repetitivas, mecânicas. Todavia, contemporaneamente, a negatividade que poderia abrir caminho para o pensamento ou criação, foi inundada pela positividade da tecnologia e da lógica de produção, de modo a colocar o humano e a máquina no mesmo patamar... no mesmo patamar de produção. *Deadlines*, jornadas extras de trabalho, trabalho sendo levado para casa, enfim, somos 24 horas por dia alcançáveis pelo chefe. Isso gera ansiedade, às vezes, angústia, pois nunca sabemos quando o chefe pode nos dar ordens enquanto estamos assistindo à uma partida de futebol ou à uma série no conforto de nossos lares. Anteriormente, a positividade se restringia à jornada de trabalho. Hoje, ela está entranhada na cultura e nos comportamentos (Han, 2010).

Inventamos a cerveja há 7 mil anos, e a escrita cerca de 3 mil. Isso nos devia mostrar quais são nossas prioridades. E por que homens e mulheres foram *inventados*? A tecnologia foi inventada para apressar as coisas, mas para que nós tenhamos menos pressa e mais tempo para exercer nossa ilimitada capacidade de imaginação (Citelli, 2023). Se a pedra lascada nos fez gastar menos energia, esforço, tempo para caçar e tirar a pele de um coelho para o almoço, foi para que tivéssemos menos pressa para comer... e para liberar nossa mente ao ócio necessário para criar novas formas de melhorar nossas condições de vida e exercer nossa capacidade de criar (Citelli, 2023). E o que vemos agora é uma

tecnologia que usamos ao contrário: para que fiquemos sobrecarregados de tarefas, exaustos em perseguir uma onisciência nas redes, em responder aos inúmeros sininhos nos pedindo uma intervenção.

Os depoimentos dos jovens são queixas de como eles mesmos se sentem inúteis após passar duas horas no *Tik Tok* vendo uma série de ideias que eles pensam em um dia aplicar e, ao fim do dia, se percebem altamente frustrados em nada produzir. E também vem das redes sociais digitais outro sinal invertido da nossa natureza, e que afetam diretamente os jovens e sua saúde mental. De acordo com Boyd (2014), é necessário desmitificar a ideia de “nativos digitais”.

Definitivamente, os jovens nasceram em um contexto permeado pelas conexões digitais, assim como fazem o uso ativo de suas participações em comunidades on-line. No entanto, isso não significa que tenham conhecimento ou capacidades inatas para tirarem o maior partido das experiências digitais (Boyd, 2014). A falácia de “nativos digitais”, portanto, constitui muitas vezes em uma distração para perceberem os desafios que os jovens encontram no mundo conectado (Boyd, 2014).

Referência não é pertencimento

Aqui há a ilustração com uma piada favorita a partir da condição de um dos pesquisadores: a que todo careca é uma referência. Quando alguém procura um banheiro, há sempre alguém para dizer *está perto daquele careca ali*. Aproveita-se, quando dessa jocosidade, para esticar bem o braço em direção ao além. Entre risadas, o efeito plástico é necessário. Uma das grandes angústias que se ouviu da rapaziada foi justamente uma confusão entre o que seria referência e pertencimento. Ambas são fundamentais para as relações sociais, mas são coisas diferentes e misturá-las também é antinatural e, portanto, fonte de agonia e desmotivação.

Bem, referência é também uma das características de nossa cultura. Incompletos ao nascermos – numa prematuridade de duas décadas até ficarmos prontos biologicamente – entramos no mundo à procura de modelos. Como é essa coisa complexa de ser ser humano? Em quem, ou o quê, podemos nos espelhar, buscar as outras peças do quebra-cabeça que irão nos compor? Sabemos que essa função geralmente é exercida pelos pais, alguns educadores, mas desde sempre foram insuficientes, dado que parte deles nos são... pertencimento. Daí, olhamos para os céus, para os heróis, os ídolos, os mitos, os, não por coincidência nominal, exemplares. São aquelas e aqueles que estão,

não do lado, mas a uma certa distância, ali, na extensão seguinte do braço, próximos ao banheiro.

Precisamos olhar em frente, algo a seguir, uma utopia – um não lugar a se alcançar. Sabendo de seu paradoxo, de que assim que lá chegar, a utopia deixa de existir – se torna o seu lugar, onde se pertence, não mais referência. Como disse Eduardo Galeano,

A utopia está lá no horizonte/ Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos/
Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos/ Por mais que eu caminhe,
jamais alcançarei/ Para que serve a utopia?/ Serve para isso: para que eu não deixe
de caminhar (GALEANO, 1994).

Somos um belo grupo gregário, caminhante, caçadores e coletores. Já o pertencimento é onde estamos.

E ele é fundamental. Necessitamos nos sentirmos pertencentes a um lugar, membro de um grupo, ou mais de um, gregários que somos. Ali está o nosso reconhecimento. O que sei de mim, olho para os lados e me reconheço nos meus iguais. Mas não é referência, pois esta nos convida a caçar e coletar, a avançar e correr riscos, enquanto aquela nos mantém aconchegados, seguros, mas inertes. Os pais, em geral, têm a dura dupla função de referência e pertencimento. Aqui, não teremos uma análise com relação à estrutura familiar, mas basta soprar que boa parte de conflitos de gerações decorre quando, injustamente, se abre mão de uma delas.

O que nos importa aqui são as seguintes falas dos jovens: “*eu me sinto um b*, porque vejo todo dia gente da minha idade já rica, viajando, vivendo uma vida de sonhos e eu aqui, parado; bloqueei a minha melhor amiga, porque a felicidade constante dela nos seus perfis me deprimia.*” Uma das alunas, sob zoação de duas colegas, relatou que as bloqueou porque tinha terminado um relacionamento e se sentia triste, querendo entender esse sentimento, e as colegas insistiam para *seguir em frente* e achando-a um tanto trouxa por querer *curtir* a tristeza. Luto não é um bom produto comercial.

Se confundem os campos: os jovens devem se simpatizar com seus iguais – simpatia do grego *syn*, junto, mais *pathos*, de sentimento. Ou seja, é sentir *juntos*. Mas não sempre dentro do sentimento, que seria a *em*-patia. O filho adolescente de um dos pesquisadores sofreu porque o seu ex-colega de sala que joga na terceira divisão tem um perfil com milhares de seguidores e, obviamente, só tem fotos do seu pseudo sucesso como jogador de futebol. Insiste-se que seu ídolo tem que ser quem já chegou lá, um adulto reconhecido por seu esforço, pelo seu trabalho diário em se manter em alto nível,

e que ainda tenha humildade de reconhecer esse caminho como uma trajetória dura, somada ao respeito e a compreensão daqueles que o admiram.

Deu certo, e o jovem caiu por preferir Cristiano Ronaldo e Lionel Messi a Neymar. Mas ainda não se conseguiu tirar toda a sua frustração quando vê seu ex-colega sorrindo como uma referência, e não alguém de seu grupo, com uma própria e oculta série de inseguranças, dilemas pessoais, hormônios e capacidade cognitiva ainda em ebulição. Mas quem coloca seus fantasmas no Instagram, não é mesmo?

E o que podemos fazer?

Primeiro, nada de culpabilização. Tentamos convencer que tudo isso vem já de um plano secular, de individualização requerida pelo capitalismo originário da Revolução Industrial, quando o sujeito individual consome mais se em grupo. Daí, por que acusar os jovens de hoje pela escolha que a humanidade fez?

Assim, é preciso que entendamos o papel do jovem dentro dessa sociedade consumista. É vítima, é massa de manobra, é cobaia de ensaio de propostas de marketing, é argamassa de propostas de consumo irracional ao se aproveitar de sua transição intelectual e hormonal.

Deveria ser obrigação dos adultos está apontando, como referência; acolhendo, como pertencimento; e não gritando como um *coaching* com fetiche militarista: *só depende de você, construa seu caminho*, em que tudo tem como um forte subtexto *se você é, se sente ou será um fracassado, é por sua inteira culpa, seu loser!* Um dos jovens, que trabalhava em dois empregos que gostava, testemunhou que, em comparação a um colega e suas postagens ‘positivas’, sentia que ainda estava sempre devendo, “de estar em um lugar onde ainda não devo estar.”

Redes sociais digitais não são culpadas. Ou, pelo menos, têm a mesma culpa da pedra lascada que matou o vizinho caçador-coletor, a faca de churrasco arma do crime passional, ou a radiação do plutônio da energia nuclear. Tecnologia é amoral, quem lhe dá a moral somos nós. Afinal, os pais encontraram a rede social um ótimo sensor de monitoramento de suas crias, como aqueles brincos de gado. Mas, com razão, são preocupantes enquanto porta de entrada para aproveitadores da ainda incompleta cognição dos jovens. Mas, reforçamos, o problema é maior nos maiores: mais de 70% dos problemas da escola básica, de acordo com os coordenadores, vem do grupo de

WhatsApp dos familiares⁹. É uma baixaria só, em nome dos pobres dos jovens que, em geral, passam é vergonha pelas insanidades de seus responsáveis.

Os jovens sofrem por serem incentivados e conduzidos para a fora de sua natureza gregária, uma sociedade que insiste que primatas devam ser felinos, só porque a pele é mais vistosa. Sofrem porque estamos usando a tecnologia no sentido contrário, não para termos ócio criativo, mas para exaurirmos nossas poucas energias.

E porque estamos lhes tirando as referências, ou as desprezamos, em prol de uma ideia equivocada de que “somos todos a mesma coisa”. Daí, um bando de adultos, querendo ser jovens eternos, querendo ser iguais aos filhos – principalmente pelo consumo – e confundindo ainda mais a cabeça já conturbada de quem está em transição. Ribeiro e Guerra (2020), ao pensar em soluções de prevenção ao suicídio dos jovens nos dá as principais dicas sobre como olhar para a rapaziada: “Os jovens nos darão muitas dicas por meio de seus silêncios excessivos e de seus atos, que têm uma função e querem dizer alguma coisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Afinal, para qual lado é a minha utopia? se perguntam os jovens. Portanto, a solução é até mais simples: sejamos, nós, adultos, apenas carecas, que nossa calvície, fruto de nossa experiência, brilhando como um farol, nem que, em alguns casos, seja para fugir dos rochedos.

Sim, e entendamos que as novas gerações têm o que nunca tivemos: um excesso de informação que mais atrapalha do que ajuda. Mas atrapalha porque ainda acreditamos que informação é que nem a antiga enciclopédia Barsa: quanto mais reunir dados, mais grossa fica e, portanto, mais imponente. Só que informação demais, trava a gente. Basta se lembrar de que, quando temos muita opção, a escolha acaba ficando para depois. Não há prateleira para tanta enciclopédia e, melhor, quem precisa se está à distância de um toque? Portanto, a solução também é relativamente simples: os adultos não são mais a principal fonte do conhecimento – ufa, ainda bem –, mas têm um papel muito melhor: o de servir de GPS. É quem vai ensinar não *o que é*, mas *onde pode estar, como escolher* e, principalmente, *os porquês*.

⁹ SUAREZ, Joana. Grupos de WhatsApp motivam 77% dos problemas nas escolas. *O Tempo*. 13 out. 2017. <https://www.otempo.com.br/cidades/grupos-de-whatsapp-motivam-77-dos-problemas-nas-escolas-1.1530823>

E temos fortes aliados: os próprios jovens! Ribeiro e Guerra (2020), ao pensar em soluções de prevenção ao suicídio dos jovens nos dá as principais dicas sobre como olhar para a rapaziada: “Os jovens nos darão muitas dicas por meio de seus silêncios excessivos e de seus atos, que têm uma função e querem dizer alguma coisa. O que fazer? Para quem os escuta, é importante dar um bom lugar à palavra, levar a fala do sujeito ao pé da letra, independentemente da estrutura clínica”. Como esperamos ter demonstrado, tudo isso partiu de um dia, quando não tinha nada a dizer, eles me disseram tudo. “Dar lugar à palavra é também um modo de o sujeito sair da invisibilidade” (p.7).

Na nossa linha do tempo, ali uns 300 mil anos, só de uns 160 mil começamos a nos comunicar por símbolos, e logo ali realmente inventamos coisas como escrita. Ou seja, temos muito mais experiência em comunicação sem os formalismos de uma língua. Dá para acreditar um pouco nos nossos instintos, na nossa linguagem corporal e sensitiva, e menos na razão semântica. Daí nos abrimos mais aos jovens, fortalecer nossa escuta e aplicar nossa sabedoria de acolhedores e referências. E aprender com eles.

A frase que aqui se encerra é da juventude dos pais e avós desses jovens, mas acreditamos que funciona para qualquer geração na qual sinceramente tenhamos uma escuta generosa, desarmada e interessada: *é conversando que a gente se entende!*

REFERÊNCIAS

BOYD, Danah. **It's Complicated: the social lives of networked teens**. London/New: Yale University Press, 2014.

CITELLI, Adilson. In: **46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2023, Belo Horizonte.

DAHLBERG, Linda, L.; KRUG, Etienne, G. Violência: um problema global de saúde pública. **Ciência & Saúde Coletiva**, 11(Sup): p. 1163-1178, 2007. Disponível em: [pt \(scielosp.org\)](http://scielosp.org). Acesso em: 18 de julho de 2024.

FERNÁNDEZ-PLANELLAS, A., M-J. MASANET, M. Figueras-Maz. TIC i Joves. **Reflexions i reptes per al treball educatiu [ICT and Youth. Reflections and Challenges for the Educational Work]**, Barcelona: Generalitat de Catalunya, 2016.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. Rio de Janeiro, L & PM, 1994

HAN, Byung-Chul. **Sociedade da Transparência**. Tradução: Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2017.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Tradução: Tradução: Enio Paulo Giachini. – Petrópolis, RJ; Vozes, 2010.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Você é ansioso? Reflexões sobre o medo.** São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.

RIBEIRO, Carolina N.; GUERRA, Andréa, M. C. Adolescência, atos e o risco de suicídio. **Psicologia.** USP, 2020, (31), pp.1-9.